

MEMÓRIA E RUPTURA EM *LAVOURA ARCAICA*

MEMORY AND RUPTURE IN *LAVOURA ARCAICA*

Julie Christie Damasceno Leal¹

RESUMO

O presente artigo visa abordar a questão da memória em *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, situando-a no plano da ruptura. O personagem André rompe com o passado autoritário e moralista de sua família e por meio da narrativa em primeira pessoa o passado é ressignificado e se torna palco de uma transformação do narrador, levando-o a romper com o pai, opressor e detentor de uma rígida moral. Nassar nos conduz ao questionamento do modelo familiar patriarcal, bem como à tentativa de ruptura, que culmina em tragédia e morte. Considerando tais elementos, iremos refletir acerca da categoria memória, a partir do enfoque da teoria literária e filosófica, tais como: a noção de tradição nos pensamentos de Michael Pollack e Gerd Bornhein, bem como, o tema da moral em Friedrich Nietzsche. Desse modo, tradição e possibilidade de ruptura se entrecruzam na obra de Raduan Nassar, considerando o passado, presente e futuro das personagens de *Lavoura Arcaica*.

Palavras-chave: Memória, Ruptura, *Lavoura Arcaica*.

ABSTRACT

This article aims to address the issue of memory in *Lavoura Arcaica*, by Raduan Nassar, placing it on the plane of rupture. The character André breaks with the authoritarian and moralistic past of his family and through the first-person narrative the past is re-signified and becomes the stage of a transformation of the narrator, leading him to break with his father, oppressor and holder of a rigid moral. Nassar leads us to question the patriarchal family model, as well as the attempt to break it, which culminates in tragedy and death. Considering these elements, we will reflect on the memory category, from the perspective of literary and philosophical theory, such as: the notion of tradition in the thoughts of Michael Pollack and Gerd Bornhein, as well as the theme of morality in Friedrich Nietzsche. In this way, tradition and the possibility of rupture intertwine in Raduan Nassar's work, considering the past, present and future of the characters in *Lavoura Arcaica*.

Keywords: Memory, Rupture, *Lavoura Arcaica*.

¹ Professora no Instituto Federal do Pará – IFPA, *Campus* Abaetetuba. Mestra em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2011). Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 2016). Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA, e-mail: julie.leal@ifpa.edu.br

Introdução

Lançado em 1975, *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar, foi um livro aclamado pela crítica especializada, tendo arrebatado importantes premiações literárias, tais como: prêmio Coelho Neto (1976), da Academia Brasileira de Letras, na categoria romance, prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, na categoria autor revelação, dentre outros. Além disso, o escritor foi contemplado com o Prêmio Camões 2016, uma das maiores premiações da literatura em língua portuguesa.

A obra apresenta o personagem central, André, em busca de si, na tentativa de ruptura com o núcleo familiar ao qual pertencia. Ele visa traçar um percurso originário que o conduz a possibilidade de fruir a vida com certa liberdade, uma vez que somente distante do seio familiar, pode refletir e ponderar sobre quem é e o seu papel não apenas como um ser posto no mundo, mas principalmente como membro contestador de uma família que se fundamenta em rígidos preceitos cristãos.

Raduan Nassar, assim, evidencia a memória através da fala de André, que reconstitui seu passado fragmentado e conturbado em uma família patriarcal, cuja voz paterna é seguida por todos como algo inquestionável, figura esta que se contrapõe à imagem materna, amorosa, protetora e terna.

Assim, abordaremos, primeiramente, os elementos que servirão como pano de fundo para a tessitura das memórias de André em torno de sua família e, posteriormente, o momento de ruptura com a ideia de tradição fortemente marcada pela temporalidade narrativa de Nassar.

Lavoura Arcaica: entre passado, presente e futuro

Indubitavelmente, a obra *Lavoura Arcaica* nos convida a percorrer lugares e situações, no mínimo, inquietantes. O espaço de onde André, personagem central da obra, narra as suas memórias assume a conotação de uma personagem à parte, tão significativa e pulsante quanto outras personagens presentes no texto. A lavoura é o espaço que detém, por excelência, as marcas do tempo e da tradição familiar da qual André se percebe herdeiro. É também lugar de árduo labor, sofrimento, renúncia e silenciamento. Passado, presente e futuro se entrecruzam, em desalinho, nesse espaço.

Outro espaço que igualmente suscita memórias familiares é a casa onde André nasceu e se criou. Por isso, continuar naquele ambiente significa para André dar continuidade a um sistema opressor e nivelador dos membros da família, sustentar uma postura repassada rigidamente de pai para filho como algo dogmático e que visa a dominação, a supressão do outro enquanto sujeito, para torná-lo membro passivo no cerne familiar. Para tanto, os ensinamentos religiosos funcionam como mecanismos que não apenas justificam o cerceamento dos membros da família, como são utilizados também para a promoção de seu apagamento enquanto indivíduos.

André questiona tal tradição, a devoção ao labor, os seguimentos religiosos cegos, a impossibilidade de manifestação pessoal. O pai adquire, portanto, a autoridade de um Deus na família. Ele é o detentor do passado, presente e futuro, assinalado pela posição que ocupa à mesa e pela imagem do relógio acima da sua cabeça: “[...] o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo, e nada naqueles tempos nos distraíndo tanto como os sinos graves marcando as horas” (NASSAR, 1989, p.47).

As memórias de André encetam o fluxo da narrativa de *Lavoura Arcaica*: sua relação com o pai, a mãe, os irmãos e, em especial, a irmã, tornam-se um labirinto narrativo que se interliga e converge para o questionamento dos preceitos tradicionais de família, marcado pela dor e silenciamento diante de costumes e hábitos seguidos e mantidos durante gerações. Neste cenário, a imagem da mãe é evocada através da representação da mulher que sustenta, sozinha, todo aquele drama familiar que ela bem conhece, mas permanece impotente diante do tradicionalismo e costume: “[...] caí pensando nos seus olhos, nos olhos de minha mãe nas horas mais silenciosas da tarde, ali onde o carinho e as apreensões de uma família inteira se escondiam por trás” (NASSAR, 1989, p.15).

O passado em André se reveste de um caráter dolorosamente provocativo: a todo momento é evocado através de um lembrar que traz consigo uma lembrança melancólica, triste ou opressora, fundamentada em parâmetros tradicionais que são, em certo momento, combatidos, a partir do abandono do lar impetrado por André. Com base no exposto, atesta Michael Pollack: “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu

lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis” (POLLACK, 1989, p. 9).

O romance inicia com o irmão, sob orientação da mãe, tentando demovê-lo da ideia de manter-se distante da família. Assim, no decorrer de toda a obra há dois polos conflitantes que podem ser definidos como tradição e ruptura, a saber, respectivamente, a família e André. Segundo Gerd Bornheim, são esses dois pontos que se antagonizam e marcam de forma indelével a história do homem: “[...] tradição e ruptura se espelham reciprocamente, e a dialética dos dois termos esclarece a quantas andamos nessa grande esquina que é a história de nosso tempo” (BORNHEIN, 1987, p.29.)

Desse modo, refletir a categoria memória requer, conforme expôs Bornheim, atravessar/refletir a tradição considerando a ruptura como possibilidade interpretativa. Raduan Nassar propõe esse ponto de atravessamento em sua narrativa, isto é, o entrecruzamento entre passado (tradição) e presente/futuro (como ruptura), em articulação pelo viés da memória.

Tendo em vista tais provocações teóricas, podemos estabelecer um paralelo entre o que apresentou Bornheim e o tema da tradição, conforme leitura de Hobsbawm, para o qual o referido tema representa algo que se estabelece no decorrer do tempo ou que foi simplesmente inventado:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez [...]. Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p.19).

A tradição possui, como característica primordial, a imutabilidade, a fixidez, por isto ela não pode ser confundida com “costume”, pois este, pode-se dizer, apresenta-se mais flexível do que a tradição, que se fundamenta na repetição inquestionável, muitas vezes, de valores e atos que devem ser mantidos a qualquer custo. Quanto ao costume,

este permite a mudança, a alteração, uma vez que a sua natureza é mais maleável, menos rígida.

De acordo com o que foi elencado, o tema da tradição é marcado pelo viés da ruptura, a qual encerra em si, de acordo com a interpretação que construímos a respeito da obra *Lavoura Arcaica*, características que se mostram inconciliáveis com determinados pensamentos e posturas de André, que desde o início da obra mostra-se como um inconformado diante da estrutura familiar da qual faz parte, contestando-a sucessivamente. A fuga de casa encetada por André, por exemplo, expressa receio pelo passado opressor e desejo de liberdade, quase na mesma medida:

Desde minha fuga, era calando minha revolta (tinha contundência o meu silêncio! Tinha textura a minha raiva!) que eu, a cada passo, me distanciava da fazenda, e se acaso distraído eu perguntasse “para onde estamos indo?” – não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muitas novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida: “estamos indo sempre para casa” (NASSAR, 2008, p.33-34)

André marca o movimento de cisão com a tradição, porém este movimento de separação não é absoluto, posto que a força que a família e a tradição impõem sobre si é mais forte do que ele, demonstrando-se, desse modo, que o narrador é um indivíduo que ainda se encontra preso a certos ditames familiares, ao mesmo tempo em que anseia por libertação, pelo novo, pela abertura para outra possibilidade de vida. Tal fator põe em evidência a força do passado, desnuda suas amarras, descobre as feridas não expostas, características estas que nos possibilitam inferir que o passado é, muitas vezes, mais vigoroso que o desejo do próprio indivíduo. Assim, faz-se mister afirmar que a ruptura promovida por André é apenas parcial, como se observará quase ao final do romance com o seu retorno ao ambiente familiar. Contudo, André, com a sua fuga, marca não apenas a si de forma indelével, mas também a família, que se fragmenta e se desestrutura.

Dissolução da tradição: ruptura e morte

No início de suas memórias, André afirma que “bastava que um de nós pisasse em falso para que toda a família caísse atrás” (NASSAR, 2008, p.21). Tal fala é, sob certo sentido, profética e representativa, uma vez que ela antevê a queda da estrutura familiar, ou seja, a tragédia que se abate sobre o referido grupo. A saída de André da sua célula familiar assinala um momento até então inédito de afrontamento, de resistência, de luta contra os valores que formam a si, inculcados desde o seu nascimento.

Até então o abandono do lar era algo impensado, mas André expõe tal possibilidade de forma violenta para seus familiares, que sob a égide da religião e dos costumes rigorosamente aceitos e mantidos, não vislumbraram antes tal perspectiva. Seu irmão mais novo, com a partida de André, nutre desde então o desejo de seguir os passos do irmão:

Só foi você partir, André, e eu já vivia empoleirado lá na porteira, sonhando com estradas, esticando os olhos até onde podia, era só na tua aventura que eu pensava... Quero conhecer muitas cidades, quero correr todo este mundo, vou trocar meu embornal por uma mochila, vou me transformar num andarilho que vai de praça em praça cruzando as ruas feito vagabundo; quero *conhecer também os lugares mais proibidos*, desse lugares onde os ladrões se encontram, onde se joga a dinheiro, onde se bebe muito vinho, onde se cometem todos os vícios, onde criminosos tramam seus crimes; vou ter a companhia de mulheres, quero ser conhecido nos bordéis e nos becos onde mendigos dormem, quero fazer coisas diferentes, ser generoso com o meu próprio corpo, ter emoções que nunca tive; e quando a intimidade da noite me cansar, vou caminhar a esmo pelas ruas escuras, vou sentir o orvalho da madrugada em cima de mim, vou ver o dia amanhecendo estirado em um banco de jardim; quero viver tudo isso, André, vou sair de casa para abraçar o mundo, vou partir para nunca mais voltar, não vou ceder a nenhum apelo, tenho coragem, André, *não vou falhar como você...*(grifos meus) (NASSAR, 2008, p.178-179)

A fala do irmão mais novo, Lula, é bastante emblemática: ele quer experimentar novas sensações; quer a possibilidade aparentemente banal de caminhar à noite, algo bastante significativo para alguém que somente conhece os arredores da casa e vive sob um regime autoritário permeado de regras e deveres, onde o tempo é meticulosamente esquadrihado.

Lula, de certo modo, assim como o restante da família, com exceção do pai opressor, encontra-se aprisionado em um sistema arcaico, fundamentado em trabalho e ensinamentos religiosos que devem ser seguidos sem questionamento ou sem

possibilidade de minimização de tal situação. A lavoura, assim, é simbolizada como, a exemplo das fábricas, o lugar onde os corpos são domesticados, disciplinados para o trabalho sob o controle inquestionável de um patrão/pai.

Para o irmão mais novo, André falhou ao retornar para casa, cedeu aos apelos maternos e, desse modo, enfraqueceu-se na sua determinação de escapar à família e à lavoura arcaica. Contudo, Lula desconhece o amor incestuoso entre André e Ana, sendo este o motivo real do retorno daquele ao lar.

O pai evoca a figura de guardião e detentor das regras, das leis a serem seguidas. É também o portador do conhecimento bíblico, bem como de sua interpretação. Mas é no campo da moral e da repressão dos impulsos que o patriarca busca controlar os filhos:

O mundo das paixões é o mundo do desequilíbrio, é contra ele que devemos esticar o arame das nossas cercas, e com farpas de tantas afiadas tecer um crivo estreito, e sobre este crivo emaranhar uma sabe viva, cerrada e pujante, que divida e proteja a luz calma e clara da nossa casa, que cubra e esconda dos nossos olhos as trevas que ardem do outro lado; e nenhum entre nós há de transgredir esta divisa (NASSAR, 2008, p.55).

Os preceitos cristãos apregoados pelo pai como mandamentos buscam anular nos filhos os desejos, principalmente os carnis. Para Nietzsche, este é um processo antinatural promovido pelo cristianismo com o objetivo de desnaturalizar o homem e enfraquecê-lo, posto que o real, o fisiológico são negados e até desprezados: “A moral antinatural, isto é, quase toda a moral que até agora foi ensinada, venerada e pregada se vira contra os instintos da vida – é uma condenação ora secreta, ora declarada e insolente destes instintos” (NIETZSCHE, 2006, p. 26).

Em conversa com o irmão, André revela que a desunião por ele sentida iniciou-se ainda na infância, na época em que era demasiado devoto:

[...] a nossa desunião começou muito mais cedo do que você pensa, foi no tempo em que a fé me crescia virulenta na infância e em que eu era mais fervoroso que qualquer outro em casa” eu poderia dizer com segurança, mas não era hora de especular sobre os serviços obscuros da fé, levantar suas partes devassas, o consumo sacramental da carne e do sangue, investigando a volúpia e os tremores da devoção (NASSAR, 2008, p.24).

A religião, os dogmas cristãos, os ensinamentos moralizantes não silenciaram em André seus desejos, seus impulsos. Não impediram também que estabelecesse com a irmã um relacionamento amoroso que o marcou tanto ou mais do que a sua família em si. Será esta união incestuosa que se configurará como ponto culminante de dissolução da estrutura familiar forjada pelo pai, posto que não há uma simples subtração de um valor moral, mas algo que esfaca um significativo interdito familiar, que é a ligação amorosa entre parentes próximos.

Assim posto, percebemos que a dissolução familiar se encetou não absolutamente com o abandono familiar de André, mas com a sua ligação com a irmã Ana, ligação esta que se posicionou acima dos ditames paternos arcaicos, da religião, da doutrinação, do controle impositivo e da tradição.

Este artigo não visa buscar aprofundar-se na relação entre André e Ana, posto que o foco da pesquisa não é este e, dada a complexidade de tal assunto, o ideal seria redigir outro trabalho abordando tal questão. Contudo, assinala a afeição entre os dois irmãos, principalmente, e como tal aproximação mais íntima auxiliou no processo de decadência de uma tradição por si só sufocante e apequenadora dos indivíduos subalternos da família de André, aspecto este já apontado pelo narrador ao descrever a célula-tronco familiar:

Eram esses os nossos lugares à mesa na hora das refeições, ou na hora dos sermões: o pai à cabeceira; à sua direita, por ordem de idade, vinha primeiro Pedro, seguido de Rosa, Zuleika, e Huda; à sua esquerda, vinha a mãe, em seguida eu, Ana e Lula, o caçula. O galho da direita era um desenvolvimento espontâneo do tronco, desde as raízes; já o da esquerda trazia o estigma de uma cicatriz, como se a mãe, que era por onde começava o segundo galho, fosse uma anomalia, uma protuberância mórbida, um enxerto junto ao tronco talvez funesto, pela carga de afeto; podia-se quem sabe dizer que a distribuição dos lugares na mesa (eram caprichos do tempo) definia as duas linhas da família (NASSAR, 2008, p. 157).

Para André, a inserção da mãe na família configura-se como uma espécie de anomalia, pois aquela se apresenta como um corpo estranho à família tradicional. Dela nascem o narrador, Ana e Lula. A figura materna é amorosa, passiva, cujo carinho extremado contrapõe-se à frieza e distanciamento paterno, características estas herdadas do avô de André, o que parece indicar que tal tradição está fadada, como uma maldição,

a ser passada de pai para filho, herança esta renegada veementemente por André. Se renegada, como ocorre no livro, as consequências de tal ato podem se configurar desastrosas. Posto isso, denota-se a tentativa de trazer André novamente para o seio familiar, pois sua saída configura-se como uma possibilidade concreta para outros membros, o que ameaça mortalmente a hegemonia familiar.

O retorno de André ao lar, ao menos segundo o olhar paterno, assinala a normatização, o silenciamento das tensões e dos conflitos, o fim de uma influência perniciosa que pode conduzir outros membros da família a adotar semelhante postura, o que resulta em desagregação, esfacelamento, morte.

Contudo, ao regressar, André se configura como o portador do desagregamento definitivo, pois o seu retorno à casa paterna é motivado não por um desejo de retomar sua posição na família, mas sim de reencontrar Ana. O pai percebe que o regresso de André não é espontâneo no sentido de reintrodução à tradição, mas pernicioso aos valores até então adotados como inquestionáveis naquele núcleo familiar:

Ninguém em nossa casa há de falar com presumida profundidade, mudando o lugar das palavras, embaralhando as ideias, desintegrando as coisas numa poeira, pois aqueles que abrem demais os olhos acabam só por ficar com a própria cegueira; ninguém em nossa casa há de padecer também de um suposto e pretencioso excesso de luz, capaz como a escuridão de nos cegar [...], por isso, dobre a língua, eu já disse, nenhuma sabedoria devassa há de contaminar os modos da família! Não foi o amor, como eu pensava, mas o orgulho, o desprezo e o egoísmo que te trouxeram de volta à casa! (NASSAR, 2008, p.167-168)

O pai assinala e reafirma a tradição. Renega qualquer conhecimento que o filho tenha adquirido fora de casa e não permite que a presença de André venha possivelmente a desfazer uma ordem estabelecida há tempos, na qual cada coisa está em seu devido lugar. Não há espaço para o novo, para a mudança, pois até mesmo as palavras estão nas suas posições corretas ou adequadas, como sempre foi.

É durante a festa de comemoração ao retorno de André que seu pai fica, enfim, sabendo do relacionamento incestuoso entre os dois irmãos. A tragédia ocorre durante a festa: o pai golpeia a filha com um alfanje. A tradição assim se desfaz, corroída por

dentro, virulenta na sua própria natureza, que por vezes quer cercear, mas apenas reforça o transbordamento das tensões.

O golpe desferido pelo pai na tentativa de, paradoxalmente, proteger a tradição, a honra, os bons costumes, resulta em efeito contrário, o que nos permite afirmar sobre a natureza ambígua da tradição. Cada um dos membros da família, ao seu modo, desestrutura-se, destruindo não apenas a tradição, mas a memória, o passado que se perpetuava desde a figura do avô, onipresente, manchado agora pela morte: Pedro prosternado na terra, Lula rolando no chão, a mãe, enlouquecida, batendo o punho contra o peito.

Considerações finais

A narrativa de André possui a força de confronto com a tradição. Suas memórias, longe do lar opressor e anulador, tornam-se marcas de um indivíduo que se posicionou de forma contrária a um sistema patriarcal de controle que visava a subjugação dos seus membros e a assimilação de valores antigos e inquestionáveis, uma vez que até mesmo a tradição acaba por não encontrar eco em novos tempos.

André foge de casa, mas depois retorna. Não há, aqui, o retorno do filho pródigo, mas, tal como um cavalo de Tróia que traz dentro de si soldados, tem-se novas posturas, questionamentos, ideias, André é o portador de uma visão incômoda de mundo, é o agente da mudança que precisa terminar o que começou com a sua saída de casa. Memória e tradição confrontam-se: o embate entre a normatização, o regulamento, a moral, a disciplina e a submissão, contra a inconformidade. O indagar-se, o não anulamento de si em nome de uma herança adoecedora do homem, fundamentada, igualmente, no cristianismo. O caráter trágico da obra indica a força da tradição: por vezes, confrontar um passado estabelecido como costume necessita de força, coragem e sacrifício.

Referências

BORNHEIN, G. O Conceito de Tradição. *In*: BORNHEIM et alii. *Tradição/contradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

NASSAR, R. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

POLLACK, M. Memória, Esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2. n. 3, 1989. Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 24.01.2018.

Recebido em 29/12/2022

Aprovado em 15/05/2023